

PERFIL

Fuga para o cinema

Paris deu-lhe vida, Lisboa a música, Nova Iorque o cinema. Bruno de Almeida, 32 anos, estreou a sua primeira longa-metragem

HENRIQUE BOTEQUILHA

Nos intervalos das aulas no Films/Video Arts, em Nova Iorque, Bruno de Almeida escreitava o interior dos caixotes do lixo e, com sorte, descobria restos de película. Foi assim que realizou os primeiros filmes experimentais, depois de dedicar toda a sua formação à música.

Nascido em Paris, onde os pais viviam a distância segura do Estado Novo, Bruno instalou-se em Lisboa depois do 25 de Abril, e, à medida que crescia, ficava mais forte o chamamento da música. Não demorou a tocar guitarra num grupo de música de fusão, Contrabanda, que chegou a actuar no Hot Clube. Aos 19 anos, decidido, fez as malas e meteu-se num avião para Nova Iorque, com o seu amigo guitarrista Sérgio Pelágio. Queria aprender música.

Depois de se associar a duas bandas e com elas desfilar nos bares da *downtown* nova-iorquina, Bruno descobriu o vídeo incorporado e a união do som e da imagem. Mais tarde, as produções com coreógrafos e, por fim, o Films/Video Arts e a New York University. «Os instrumentos, esses, já os tinha vendido», recorda Bruno. E, todos os dias, com



BRUNO DE ALMEIDA EM ACÇÃO

«Ele tem muito talento mas pouco dinheiro», diz Joaquim de Almeida

um bilhete só, aviava duas ou três sessões de cinema independente americano, japonês e europeu e, de quando em quando, filmes série B.

O FADO AMÁLIA

Em 1990 surgiu a sua primeira produção em vídeo, pela Arco Films, empresa que entretanto criou. Chamava-se *Anti Glamour*, e era um documentário sobre um fotógrafo e a sua arte. Seguiu-se-lhe o primeiro trabalho de fôlego: *Amália ao Vivo em Nova Iorque*, que lhe valeu uma amizade firme com a fadista. Quatro anos depois, estavam de novo juntos para um documentário de cinco horas: *Amália, uma Estranha Forma de Vida*. Sentavam-se os dois em frente dos monitores noite fora a visionar gravações antigas, enquanto Amália recordava as emoções sentidas. «É bom rapaz, muito bonito, tem muita inteligência e vai, de certeza, fazer filmes de grande qualidade», diz hoje, carinhosamente, a fadista.

Entretanto, Bruno já passara em 1992 naquele que foi porventura o seu teste mais difícil: *O Rei no Exílio*, um filme de 30

minutos sobre dança para a RTP2, interpretado e coreografado por Francisco Camacho. «O Bruno é muito profissional para quem está a começar e tem uma grande noção da direcção da equipa», testemunha o coreógrafo.

DÍVIDA PARA O CINEMA

Em 1993, finalmente o cinema. *A Dívida*, curta-metragem de 12 minutos a preto e branco, colecionou vários prémios, dos quais se destaca o da Melhor Curta-Metragem do Festival de Cannes. Ainda na ressaça de *A Dívida*, Bruno realiza o videoclip *Las Vagas*: «É talvez o melhor dos GNR», conta Rui Reininho. «Apesar do budget limitadíssimo, foi super simpático trabalhar com o Bruno. Ele não tem aquele complexo do cinema português, cinema de autor e tal...», prossegue.

O ano de 1999 trouxe finalmente a sua primeira longa-metragem, *Em Fuga*. Comédia negra escrita por Joseph Minion, com Nova Iorque por cenário, conta a história de um preso (Michael Imperioli) que foge da cadeia cinco dias antes de ser libertado e procura o introvertido Louie Salazar (John Ventimiglia) que, para evitar chatices, chama a polícia. John Ventimiglia ficou impressionado com o trabalho que desenvolveu durante um ano com Bruno: «Houve aqui uma química», diz. «Ele é que dirigia, mas dava-me toda a liberdade para explorar a personagem. Foi uma excelente oportunidade para improvisar e um grande sinal de confiança.»

Joaquim de Almeida — Ignório no filme — também guarda boas memórias de Bruno: «Tem muito talento, mas, infelizmente, não teve o dinheiro suficiente para os seus projectos. Mesmo assim, acho que ele tem uma ideia muito particular do cinema, o que lhe dá uma certa originalidade.» ■

O FILME

John Ventimiglia (em cima, à direita) e Michael Imperioli (em baixo) são os protagonistas

